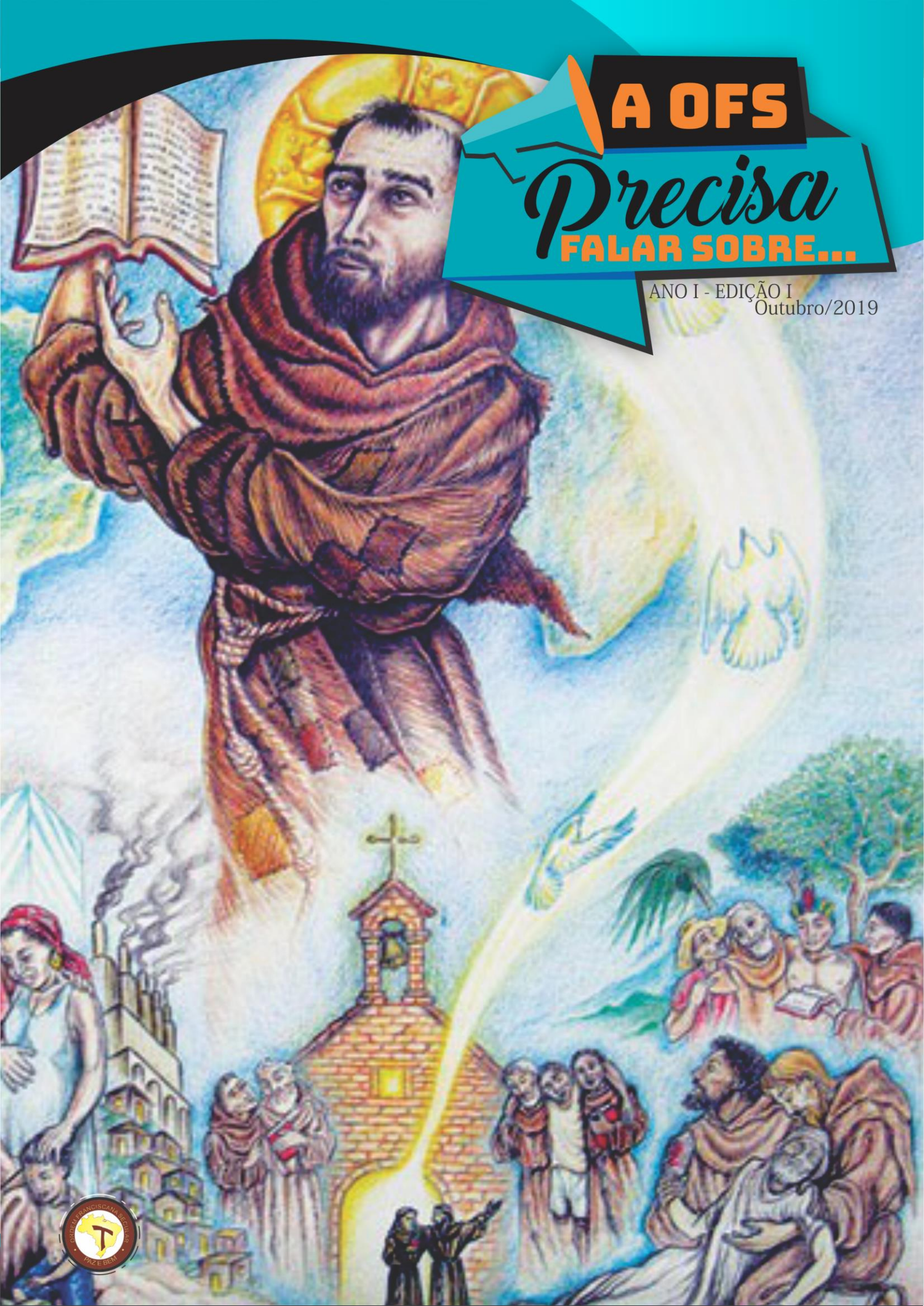


A OFS

Precisa
FALAR SOBRE...

ANO I - EDIÇÃO I
Outubro/2019





A OFS PRECISA FALAR SOBRE...

Encarte de Formação da OFS do Brasil

CONTATOS

 Rua Adro de São Francisco, s/n, Saúde,
Zona Portuária, Rio de Janeiro - RJ
CEP 20081-290

 ofsbr@terra.com.br

 21 2240 - 4565

 www.ofs.org.br

REDE SOCIAIS

 www.facebook.com/OrdemFranciscanaSeculardoBrasil

 www.twitter.com/OFSBrasil

FICHA TÉCNICA

Organização:
Equipe Nacional de Formação

Arte e Diagramação:
Ricardo Meneses, OFS



Algumas ilustrações são encontradas disponíveis na internet. Sempre procuramos fazer menção ao autor e à fonte. Caso alguém se sinta lesado, pedimos a gentileza para que entre em contato para a retirada do material em questão.

Sumário

Apresentação

PAG. 03

Por: Mayara Ingrid Sousa Lima
Coordenadora Nacional de Formação da OFS do Brasil

TEXTOS

Os/as franciscanos/as e o Sínodo Pan-Amazônico: interpelações aos franciscanos/as seculares

PAG. 04

Por: Prof. Me. Francisco José Corrêa de Araújo, OFS
Coordenador Regional de JPIC - Norte 2

A atitude franciscana no diálogo inter-religioso

PAG. 08

Por: Frei Volney J. Berkenbrock
Adaptado e organizado em partes por
Rômulo Ferreira Pereira e Washington Lima dos Santos.

As famílias mudaram e agora?

PAG. 11

Por: Prof Dr Jefferson Eduardo dos Santos Machado, OFS
(Doutor em História Comparada
Colaborador do Programa de Estudos Medievais - PEM - UFRJ)

ANEXO

Nossas impressões sobre o Fórum Franciscano para o Sínodo Pan-Amazônico

PAG. 16

Fonte: site da CFFB com adaptação e edição de
Francisco Araújo, OFS/ JPIC Norte 2.



APRESENTAÇÃO

Irmãos e irmãs da OFS do Brasil,
Paz e bem!

É com muita alegria e entusiasmo que apresentamos o novo Encarte de Formação da OFS do Brasil, chamado “A OFS precisa falar sobre...”. Esta produção da Equipe Nacional de Formação terá como objetivo principal apresentar às fraternidades locais do Brasil materiais de reflexão e formação que tratem de temáticas particularmente relacionadas à formação humana e sociopolítica, pouco abordadas em nossas fraternidades, considerando que conforme as Diretrizes de Formação da OFS do Brasil, devemos garantir um processo de formação integral para os/as irmãos e irmãs.

Quantas vezes em nossas fraternidades nos perguntamos, por exemplo, qual seria o pensamento franciscano sobre determinada temática. Quantas vezes nos deparamos com realidades ao qual concluímos não termos um processo formativo adequado que nos ajude e nos orientem nas reflexões à luz do Carisma Franciscano. Quantas vezes utilizamos em nossas fraternidades locais materiais formativos inadequados, resultantes de pesquisas superficiais na internet ou compartilhamentos de publicação em grupos do WhatsApp, que podem nos levar ao erro de apresentar elementos, muitas vezes, tomados como verdade por muitos irmãos e irmãs, mas que não representam as verdadeiras concepções do nosso modo de vida. Diante disso, cabe a nós, Equipe Nacional de Formação, apresentar materiais formativos coerentes, profundos e fraternos, atendendo assim as necessidades das mais diversas realidades Brasileiras.

Além disso, esse novo material é uma resposta concreta ao pedido feito pelos Formadores/as regionais, reunidos no último Encontro Nacional de Formação, ocorrido em Brasília no ano de 2017, que elencaram como prioridade a necessidade de um trabalho sólido e efetivo sobre formação humana e sociopolítica em nossas fraternidades locais. Essa solicitação foi reforçada no Capítulo Nacional Eletivo, em 2018, quando os/as capitulares novamente elegem a Formação Integral como umas das prioridades da OFS nesse triênio.

Por tudo isso, desejamos que esse novo material chegue a todas as fraternidades do Brasil e que seja luz para nossa caminhada.

Fraternalmente,

Mayara Ingrid Sousa Lima

Coordenadora Nacional de Formação da OFS do Brasil



OS/AS FRANCISCANOS/AS E O SÍNODO PAN-AMAZÔNICO

Por: Prof. Me. Francisco José Corrêa de Araújo, OFS
Coordenador Regional de JPIC - Norte 2

Seguindo o caráter sinodal, na condição de Cristãos católicos que vivem o Santo Evangelho seguindo os passos de nosso Pai Seráfico, São Francisco de Assis, é inerente estarmos em comunhão com os apelos da Igreja e atentos de como podemos ser sinal da presença de Deus junto a seu povo. Uma vez que o tema do “cuidado com a casa comum” é um dos pilares mais expressivos no magistério do Papa Francisco e elemento do fraternismo universal, devemos nos sentir participantes na construção dos novos caminhos para a Igreja na Amazônia e para uma ecologia integral. Com tudo, podemos nos perguntar quais são nossas contribuições, como franciscanos no Brasil, para este desafio que a contemporaneidade nos propõe? O que o mundo espera dos franciscanos seculares? Qual a relação da Amazônia com o resto do país ou do mundo?

Em outras edições, a revista “paz e bem” já nos ofereceu informações a respeito do Sínodo para Amazônia, esta prática sinodal é nosso jeito de ser Igreja, uma instituição permanente de encontro religioso na qual os bispos, reunidos com o papa, têm a oportunidade de compartilhar experiências. Em nosso caso, o que está em enfoque é a Amazônia. O referido Sínodo apresenta dentre seus objetivos, identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também por causa da crise da Floresta Amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta. Pois, tudo está interligado!

Motivados pela Encíclica Laudato Sí e pela espiritualidade franciscana, percebemos o que o Papa nos diz: “Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta” (LS 14). E isso, nos apresenta diversos desafios de deterioração da nossa

casa comum por meio de: poluição, desmatamento, cultura do descarte, perda da biodiversidade, deterioração da qualidade de vida e degradação social, desigualdade planetária, fraqueza das reações e indiferença, falta de comunhão.

Para encontrar novos caminhos, o Papa lançou um “documento preparatório” que nos apresenta diversos questionamentos destinados a todos, em especial ao povo brasileiro e àqueles que vivem em território amazônico. Sobre os desafios que identificamos no estado do Pará, apresenta-se o seguinte: 1) Pouca ação de políticas públicas, tanto básicas (saneamento, saúde, educação, segurança), quanto específicas, para juventude e infância, povos tradicionais, etc.; 2) Corrupção dos políticos e Fragilidade/omissão das instituições de fiscalização diante dos Grandes Projetos e seus riscos (Mineração, Madeiras,



Monocultura latifundiária, Portos, Ferrovias, etc.); 3) Lideranças cristãs aliadas aos “grandes projetos de morte” como hidrelétricas, mineradoras e madeireiras, etc.; 4) Conflitos territoriais, invasão de terras quilombolas, indígenas e Reservas Extrativistas; 5) Violência e exploração sexual, pandemia de HIV/IST's, tráfico de pessoas, extermínio da juventude negra, gravidez na adolescência, tráfico de drogas, homofobia, crescimento da população carcerária, suicídios, famílias desestruturadas; 6) Desmatamento, poluição dos rios e igarapés, pesca e caça predatória; 7) Desvalorização da diversidade cultural, literária e linguística na liturgia e formação; 8) Divisões ideológicas dentro da Igreja (Falta de unidade); 9) Urbanização mal planejada.

Estes desafios específicos representam apenas uma estratificação de tantos outros. Pois, o processo sinodal é longo e complexo. Por isso, após coletar as contribuições das lideranças da Igreja, os povos indígenas e quilombolas e demais pessoas de boa vontade, o Papa Francisco juntamente com uma equipe específica elaboraram outro documento que se chama “Instrumentum Laboris” (Instrumento de Trabalho), no qual consta de três partes: a primeira, o ver-escutar, que se intitula A voz

da Amazônia, e tem a finalidade de apresentar a realidade do território e de seus povos. Na segunda parte, Ecologia integral: o clamor da terra e dos pobres, aborda-se a problemática ecológica e pastoral; e na terceira parte, Igreja profética na Amazônia: desafios e esperanças, a problemática eclesiológica e pastoral.

Diante do exposto, percebemos que a participação de nós franciscanos (as) ainda é tímida. É necessário que nossas fraternidades priorizem em seu calendário o estudo da Laudato Sí, motivem o fortalecimento do serviço de JPIC - Justiça, Paz e Integridade da Criação como atividade específica de nosso apostolado diário, pois o mundo espera tal postura de nós – Vivenciar o JPIC como eixo transversal em nossa prática profissional, socioambiental ou pastoral (Artigos 15, 17 e 18 de nossa Regra); inclusive nas liturgias e novenas que celebramos. E ainda, é primordial que participemos do processo sinodal para Amazônia em suas diversas etapas, sobre tudo testemunhando com a vida uma conversão ecológica com práticas pessoais e comunitárias que visem o cuidado da casa comum para que Deus seja louvado em todas as suas criaturas!



O SÍNODO PAN-AMAZÔNICO E INTERPELAÇÕES À ORDEM FRANCISCANA SECULAR

Para todos os ramos da Família Franciscana, o comprometimento ecoteológico é um elemento em comum. Pois, nossa vida e regra é viver o Santo Evangelho nos passos de São Francisco de Assis. No qual o Espírito Santo, nos presenteou com um carisma plenamente fraterno, que nos reconhecemos como irmãos e irmãs e conclamamos que tudo está interligado. Daí provém a necessidade do testemunho e da responsabilidade de cuidar da Casa Comum. No entanto, cada ramo da Família, expressa sua pertença e vivência do carisma de modo “particular”. Àqueles que vivem o carisma na modalidade secular, cabe a função de administrar os bens temporais pautados nos valores evangélicos, agindo em diversos areópagos da realidade de leigos e leigas, diáconos ou sacerdotes que professam a Regra da OFS.

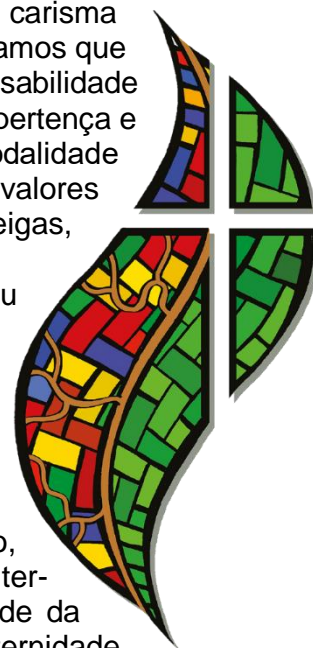
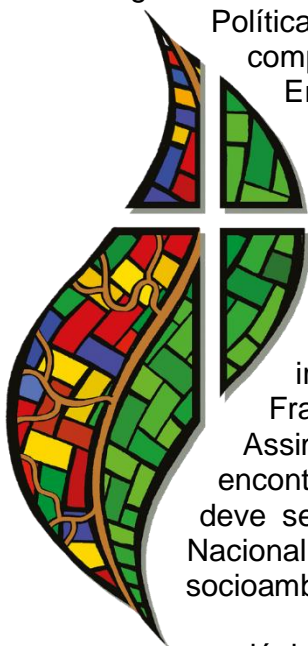
Na referida Regra, observamos a dimensão profética do carisma, ou em outras palavras, a dimensão socioambiental da caridade cristã. Assim, assumimos o compromisso interdependente na atuação da justiça/paz/ecologia. Com isso, a Justiça (Regra Capítulo 15) é compreendida como: Defesa da Vida em Plenitude para todos, Promoção Integral da Pessoa Humana, Defesa dos Direitos Humanos, Incidência

Política e Políticas Públicas; A Paz (Regra Capítulo 17) é compreendida como: Espiritualidade Libertadora, Anúncio, Encontro/Diálogo/Convivência, Ecumenismo, Diálogo Inter-religioso, Superação da Violência; e a Ecologia/ Integridade da Criação (Regra Capítulo 18) é compreendida como: Fraternidade Universal, Ecologia Integral, Conversão Ecológica.

Não se trata somente de uma opção, mais de uma exigência evangélica que devemos observar desde o processo de nossa formação humana e iniciação à vida cristã, mas também na formação franciscana. Nos últimos anos, percebemos um fortalecimento do serviço JPIC na vida dos irmãos e irmãs da OFS, certamente como resposta aos apelos do Papa Francisco, mas sobre tudo como vivência de nossa vida evangélica e franciscana.

Assim, o JPIC deve ser a expressão primeira de nosso apostolado, o que vai ao encontro da conversão ecológica e cuidado com a casa comum. Por isso, o JPIC deve ser uma prioridade em todas as nossas fraternidades – seja Internacional, Nacional, Regional ou Local. Não se admite mais que os temas ligados à dimensão socioambiental da fé sejam tratados como secundários em nossos calendários.

Por isso, antes de exigir que os outros vivam uma conversão pastoral e ecológica, nós – franciscanos e franciscanas seculares – devemos testemunhar tal conversão, a começar pelo exemplo particular, depois em nossas fraternidades locais, e assim por diante. Precisamos não somente priorizar as atividades JPIC em nossos calendários, mas sermos capazes de “tirar do papel” este sonho, de dar os passos que nossos limites nos permitem. Podem ser passos lentos, mas que sejam unidos, fortes e perseverantes.



Assim, para além dos estudos da Laudato Si e de documentos produzidos pelo processo do Sínodo Pan-Amazônico, são sugestões de atividades que podem ser assumidas de modo pessoal ou em nossas fraternidades locais:

1) JUSTIÇA:

- 1.1: Reflexões sobre a realidade sócio-cultural-eclesial-política nos encontros de estudo e nos capítulos;
- 1.2: Nas paróquias, procurem imprimir metodologia de participação, de valorização das pessoas leigas, promovendo seu protagonismo, através da do apoio a diversas pastorais e serviços, de acordo com as necessidades do povo;
- 1.3: Nas redes de comunidades, situadas no contexto urbano, desenvolver forte presença solidária junto à população carente;
- 1.4: Participação em pastorais e serviços específicos: luta pela terra, organização dos pequenos agricultores, agroecologia, presença e serviço junto às pessoas com deficiência, trabalho de recuperação de dependentes químicos, Promoção da Criança e Adolescente, Organização dos Trabalhadores Desempregados...;
- 1.5: Integração nos eventos da Igreja: Campanha da Fraternidade, Grito dos Excluídos (as), Romaria da Terra, do Trabalhador, Encontros de CEBs, CPT (Comissão da Pastoral da Terra); PO (Pastoral Operária); PJR (Pastoral da Juventude Rural); Pastorais Sociais; Organizações da Sociedade Civil: MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra); MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores); MTD (Movimento dos Desempregados).
- 1.6: Incidência Política por meio da participação nos espaços de controle social como: Fóruns e Conselhos Paritários.

2) PAZ:

- 2.1: Retiros anuais em torno da temática de justiça, paz, Integridade da Criação, opção pelos pobres, saúde integral, à luz da espiritualidade e prática de S. Francisco;
- 2.2: Promover atividades Ecumênicas e diálogo Inter-religioso;
- 2.3: Combater o armamento da sociedade civil;
- 2.4: Articular eventos populares como a Romaria/ Caminhada pela Paz.

3) INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO:

- 3.1: Estudar e divulgar a Encíclica Laudato Si;
- 3.2: Mobilizar fóruns e comitês sobre o combate ao desmatamento, mineração, poluição dos Rios, e temas afins;
- 3.3: Promover o cuidado com a Casa Comum;
- 3.4: Adotar práticas Eco-teológicas como Educação Ambiental como os 5R's: Reduzir, Repensar, Reaproveitar, Reciclar e Recusar consumir produtos que gerem impactos socioambientais significativo.





“A ATITUDE FRANCISCANA NO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO”

– PARTE I

Por: Frei Volney J. Berkenbrock

Adaptado e organizado em partes por

Rômulo Ferreira Pereira e Washington Lima dos Santos.

Neste texto será apresentada uma definição para diálogo inter-religioso, ecumenismo e algumas atitudes de não diálogo ou que são tomadas em nome do diálogo. Questionando-nos diante de nossa realidade Cristã de Ordem Franciscana Secular do Brasil: onde está a nossa motivação para o diálogo inter-religioso?



DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E ECUMENISMO

Diálogo inter-religioso é aquele que ocorre entre cristãos e budistas ou umbandistas ou espíritas ou hinduístas ou candomblecistas ou muçulmanos ou judeus, etc. Por ecumenismo ou diálogo ecumênico entende-se o diálogo que ocorre entre os cristãos das diversas denominações, confissões ou Igrejas. Assim, é diálogo ecumênico o que ocorre entre católicos e luteranos ou batistas ou metodistas ou anglicanos ou presbiterianos, etc. Ou seja, chama-se diálogo ecumênico aquele onde as partes envolvidas têm em comum a fé em Jesus Cristo, diferem no entanto na organização da Igreja, na compreensão dos sacramentos, na interpretação da doutrina, etc.

É importante apresentar que somente em 1965, com a declaração “Nostra aetate” do Concílio Vaticano II, houve uma mudança radical da posição da Igreja Católica perante as outras religiões. Esta mudança é marcada por dois passos importantes:

a) por um lado a Igreja Católica reconhece a validade e a importância das experiências religiosas existentes em outras

religiões como expressão legítima de manifestação de Deus. Desta forma, afirma o Concílio: “Desde a antiguidade até à época atual, encontra-se entre os diversos povos certa percepção daquela força misteriosa que preside o desenrolar das coisas e acontecimentos da vida humana, chegando mesmo às vezes ao conhecimento duma Suprema Divindade ou até do Pai”¹. Assim sendo, o Concílio reconhece também nas outras religiões a presença de verdade: “Se bem que em muitos pontos estejam [as religiões] em desacordo com os que ela mesma [a Igreja] tem e anuncia, não raro, contudo, refletem lampejos daquela Verdade que ilumina a todos os homens”². Por reconhecer exatamente esta legitimidade religiosa, “a Igreja Católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nestas religiões. Considera ela com sincera atenção aqueles modos de agir e viver, aqueles preceitos e doutrinas”³.

b) Por outro lado, a Igreja Católica, ao reconhecer a legitimidade religiosa das outras religiões, tira consequências desta posição para os seus membros. A Igreja Católica “exorta por isso seus filhos a que, com prudência e amor, através do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões, testemunhando sempre a fé e vida cristãs, reconheçam, mantenham e desenvolvam os bens espirituais e morais, como também os valores socioculturais que entre eles se encontram”⁴. Aqui fica claro que houve uma mudança radical de posição: da posição do combate e da inimizade, para o incentivo à colaboração mútua e ao diálogo.

Nesta nova atitude, considera-se o outro como também portador de uma legítima experiência de Deus, também iluminado “por

convicção, diz-se um “não” à ideia de um diálogo inter-religioso.

No “vale-tudo religioso” o perigo não é a radicalização ou a agressividade, mas a perda da identidade religiosa e principalmente, a falta de um compromisso religioso com uma forma de vida. O indivíduo torna-se aqui o centro, o ponto de referência e o critério da “verdade” religiosa.

Já na atitude do diálogo seletivo as religiões são (pré)conceituadas em dois grupos: as religiões boas, sérias, de conteúdo, dignas, à altura... e as religiões sem conteúdo, charlatanistas, sem nível, sem seriedade, baseadas em superstição...

Por fim, no diálogo interesseiro a motivação não é o diálogo inter-religioso, mas sim utilizar o expediente do diálogo para tentar



lampejos da verdade” e por isso ele pode ser parceiro de diálogo, de colaboração mútua. Atitude porém que não apareceu na Igreja apenas com o Concílio Vaticano II, mas já muito antes dele houve católicos que sustentaram e viveram esta atitude. Com o Concílio, no entanto, esta atitude foi declarada como posição de toda a Igreja, recomendada a todos os seus membros.

Conforme dito anteriormente, atitudes de não diálogo ou que são tomadas em nome do diálogo também são encontradas com muita facilidade em nosso meio:

O fundamentalismo religioso é expresso na atitude e convicção de que somente a própria religião é verdadeira e que esta possui toda a verdade⁵. Em nome desta

converter o outro para a própria religião. É a atitude do diálogo como tática proselitista.

Ter o mesmo direito de reivindicar para a sua religião aquilo que eu reivindico para a minha, talvez seja um dos passos mais difíceis para o diálogo inter-religioso. Mas como sair deste aparente beco-sem-saída?

Percebe-se que a própria abertura ao diálogo inter-religioso, traz questionamentos que não dizem respeito apenas a um posicionamento diante do outro, mas que levam a questionar a própria identidade por causa do outro. A saída para este impasse deve ser procurada na motivação que leva o cristão a procurar o diálogo inter-religioso.

Para o cristão, faz-se necessário ancorar sua motivação para o diálogo inter-religioso numa base mais consistente que a da motivação social ou a do “espírito do tempo”. É necessário colocar a âncora da motivação ao diálogo na fé mesma. O diálogo inter-religioso precisa ter a fé como ponto de partida.

Onde há em nossa fé espaço para “ancorar” a motivação ao diálogo inter-religioso?

Uma das possibilidades que vejo é a própria compreensão cristã de Deus. A tradição cristã de fé usa diversos conceitos para apontar e qualificar a realidade Deus. Um

destes é o conceito do mistério. Deus é mistério. Ao dizer “Deus é mistério” estamos dizendo que Deus não é totalmente apreensível em nossas categorias. Ele não se limita à nossa limitação de apreensão. “Deus escapa a todo conteúdo humano (não se deixa conter) e permanece - apesar de todos os conteúdos e reflexões que a ele possam apontar - sempre um mistério”.

E esta impossibilidade de apreender totalmente Deus é tanto um limite do ser humano em sua compreensão cristã, como do cristianismo enquanto religião. Portanto, também para o cristianismo, Deus permanece igualmente mistério.



1 NOSTRA aetate (NA), 2.

2 NA 2.

3 NA 2.

4 NA 2.

5 O termo “fundamentalismo” é um conceito ambíguo. Quando usado em relação à religião tem geralmente uma conotação negativa, sendo sinônimo de sectarismo, fanatismo e intolerância. Veja a este respeito ORO, I.P. op. cit. especialmente p. 23-27.

6 BERKENBROCK, V.J. Diálogo e Identidade Religiosa. REB, Petrópolis, v. 56, n. 221, p. 10, 1996.

Este texto é uma adaptação do texto original “A atitude franciscana no diálogo inter-religioso” de Frei Volney J. Berkenbrock, OFM. Adaptado e organizado em partes por Rômulo Ferreira Pereira e Washington Lima dos Santos.

Acesso ao texto completo em:

http://www.volney-berkenbrock.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=181:a-atitude-franciscana-no-dialogo-inter-religioso&catid=53:evangelizacao-e-dialogo-inter-religioso-e-ecumenic



AS FAMÍLIAS MUDARAM E AGORA?

Por: Prof Dr Jefferson Eduardo dos Santos Machado, OFS

(Doutor em História Comparada

Colaborador do Programa de Estudos Medievais - PEM - UFRJ)

INTRODUÇÃO:

No ano de 2017 fomos surpreendidos com um convite muito especial. A Conferência da Família Franciscana do Brasil nos possibilitou organizar uma das oficinas que foram realizadas no Capítulo Nacional das Esteiras, que ocorreu no Santuário Nacional de Nossa Senhora aparecida em São Paulo. O tema da oficina era Família. Inicialmente achamos a tarefa muito complicada. Sabemos que hoje esta temática suscita muitas paixões e debates diante da realidade vivida em muitos lares brasileiros, inclusive católicos.

No dia do trabalho um salão lotado aguardava o início da atividade. Após uma breve introdução, dividimos os participantes em grupos que passaram a debater e construir uma narrativa sobre suas experiências familiares. Fomos surpreendidos com o resultado. Muitas fraternidades brasileiras têm membros que atravessam ou vivem a problemática das transformações ocorridas nas famílias na atualidade. Isso nos provocou, pois assuntos antes vistos por nós como problemáticos, foram abordados por dezenas de irmãos e irmãs de uma maneira muito tranquila e realista.

Sendo assim, a partir de agora, vamos tratar do que ocorre com as formações familiares atuais. Tentaremos refletir sobre a encruzilhada que nossa geração está vivendo diante da necessidade de acolher formas de viver bem diferentes daquelas que aprendemos quando crianças católicas na catequese de nossas igrejas.

O QUE É A FAMÍLIA NA SOCIEDADE HOJE?

Para iniciar, afirmaremos que todas as famílias também devem ser vistas como uma fraternidade. Ou melhor, toda família é uma fraternidade. Ela é ou deveria ser um lugar onde os laços de amor, nem sempre sanguíneos, como veremos mais a frente, devem levar seus membros a superar as dificuldades de forma solidária e fraterna. Vejamos o que fala São Francisco sobre a fraternidade na Regra Bulada VI, 7-9:



“Em toda parte onde estiverem ou se encontrarem os irmãos, que estejam a serviço uns dos outros. Que manifestem uns aos outros com confiança as suas necessidades, pois se uma mãe nutre e cuida de seu filho carnal, com quanto mais cuidado não deve cada qual amar e nutrir seu irmão espiritual. Se um dos irmãos cair doente, os outros irmãos devem servi-lo como gostariam eles mesmos de serem servidos”

Isso guarda ou não semelhanças com o que uma família deveria viver? E é sobre isso que devemos meditar em relação às famílias atuais.

A partir do que está nos dicionários podemos definir a família como o conjunto de pessoas ligadas, por graus de parentesco, sanguíneos ou não, que vivem sobre o mesmo teto. Esta ligação é feita através do casamento, da filiação, ou mesmo de uma adoção. Além disso, este grupo pode ser formado também a partir de convicções, interesses ou origens comuns.

Segundo a legislação brasileira temos várias formas de junções que o direito classifica como família. A primeira é a Família Matrimonial. Este grupo surge a partir do casamento como ato formal, litúrgico. Surgiu no Concílio de Trento em 1563, através da Contrarreforma da Igreja. Até 1988, era o único vínculo familiar reconhecido no país.

A segunda é a Família Monoparental que é constituída por um dos pais e seus descendentes. No Brasil temos uma verdadeira legião deste modelo de família. Segundo a pesquisa ‘Mulheres Chefes de Família no Brasil: Avanços e Desafios’ em 2015 o número de famílias formadas por uma mãe solteira, separada ou viúva e seus filhos já representam 15,3% de todas as formações familiares. Em 2016, foram registrados 344.526 divórcios no Brasil e em 74,4% dos casos a guarda dos filhos foi concebida para as mulheres.

A terceira é o concubinato dar-se-á quando se apresentarem relações não eventuais

entre homem e mulher, em que um deles ou ambos estão impedidos legalmente de casar. Apresenta-se como: a) adulterino (...) se se fundar no estado de cônjuge de um ou de ambos os concubinos, p. ex., se homem casado, não separado oficialmente, mantiver ao lado da família matrimonial, uma outra; ou b) incestuoso, se houver parentesco próximo entre os amantes.

A próxima é a União Estável que é uma relação entre homem e mulher que registram ou não esta relação. A maior característica é a informalidade. Pessoas que viveram uma relação anterior que não acabou formalmente, ou seja, não houve o divórcio, e que vive uma segunda união, por exemplo, mas sem poder registrá-la em cartório.

Uma das formas que também passaram a existir depois da autorização do divórcio foi a Pluriparental, ou famílias reconstituídas. Esta é aquela formada pela junção dos pais com os filhos de sua relação atual e aqueles que são frutos de relações anteriores.

Por último, mas sem ter a ideia de encerrar o assunto, a família homoafetiva. Trata-se do arranjo familiar formado a partir da união de pessoas do mesmo sexo e que assim como todas as outras diante da lei, exceto o concubinato, é considerada pela lei brasileira como uma união com vínculo familiar.

Além dessas definições jurídicas, sabemos de uma grande quantidade de famílias em que as crianças não possuem nem pai nem mãe morando com elas. São famílias onde os pequenos são tutelados por avós e tios, que na ausência dos pais assumem a responsabilidade e formam um arranjo familiar que também não é o convencional. Isto tudo que narramos acima

serve para que entendamos que nada é simples. Não dá para fazermos uma definição precisa ou reduzida do que seria uma família em uma sociedade tão complexa como a que vivemos na atualidade.



A IGREJA, A FAMÍLIA E OS NOVOS ARRANJOS.

Na tradição bíblica as famílias tem grande importância tanto que o Papa Francisco na Exortação *Amoris Laetitia* afirma que ao entrarmos na casa de uma família em dia de festa *No centro, encontramos o casal formado pelo pai e a mãe com toda a sua história de amor. Neles se realiza aquele desígnio primordial que o próprio Cristo evoca com decisão: «Não lestes que o Criador, desde o princípio, fê-los homem e mulher?» (Mt 19, 4). E retoma o mandato do livro do Génesis: «Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne»*. Este discurso do Pontífice transparece o modelo familiar que a Tradição Bíblica, com seu texto escrito dentro de um determinado contexto, nomeia como aquele exemplar para a Igreja.

Segundo as Constituições Gerais da OFS: Os franciscanos seculares considerem a família como o âmbito prioritário para viver o próprio compromisso cristão e a vocação franciscana e nela dêem espaço à oração, à Palavra de Deus e à catequese cristã, empenhando-se no respeito à vida, desde a concepção e em qualquer situação, até a morte. Os cônjuges encontram na Regra da OFS um válido auxílio no seu caminho de vida cristã, conscientes de que, no sacramento do Matrimônio, o seu mútuo amor participa do amor que Cristo tem pela sua Igreja. O amor dos esposos e a afirmação do valor da fidelidade são um profundo testemunho para a própria família, para a Igreja e para o mundo (cf Regra 17).

Não podemos deixar de observar que as transformações sociais ocorridas entre a metade do século XX e início do XXI, trouxeram uma redefinição também aos arranjos familiares. A busca da individualidade, um dos fenômenos mais fortes do período, foi um dos que influenciou diretamente as famílias.

Estas mudanças se chocam diretamente com o modelo cristão de família que ganha seu ápice na representação da Sagrada Família. Jesus, Maria e José seriam então o modelo familiar que deveríamos seguir. Ou seja, José a figura paterna. Aquele que deve prover e garantir a segurança. Maria a mãe que é doce, terna e caridosa. Que se ocupa das tarefas domésticas, ou daquelas

pré-estabelecidas pela cultura da sociedade israelita.

A composição familiar da sociedade hoje mudou e nós somos só uma parte da sociedade que não é mais como na Antiguidade e Idade Média uma Cristandade. Destarte uma sociedade plural possibilita relações humanas múltiplas. E as famílias em uma concepção que poderíamos chamar de secular ganham novas faces.

A busca do protagonismo da mulher, por exemplo, trouxe grandes mudanças para os núcleos familiares. Os papéis antes definidos de forma imutável em uma família de modelo patriarcal baseada na submissão da mulher e no enquadramento dos filhos em um regime de hierarquia às vezes tirânica já não cabem mais. Deste modo, vemos que mesmo o modelo cristão com o passar dos séculos foi modificado.

Além do protagonismo da mulher que trouxe a necessidade do homem modificar sua forma de participar do grupo familiar, tendo que assumir responsabilidades antes apenas relegadas a ela, temos outras transformações. São muitas as mulheres que acabaram tendo que cuidar de suas famílias sem um marido. Isto se dá a partir da saída da mulher do ambiente privado, realizando apenas tarefas domésticas, para um ambiente público assumindo tarefas e trabalhos profissionais dos mais variados.

Quer seja por separação, abandono familiar, por opção ou morte do cônjuge, as mulheres passaram a ser as “chefes” de família. Sendo que nos três primeiros exemplos o sofrimento das mulheres foi grande principalmente nas Igrejas. Em nossas instituições religiosas muitas delas, que estavam aprisionadas a um casamento violento e problemático, passavam a serem vistas como indesejáveis. As jovens que em um relacionamento na juventude engravidavam e viam-se com a responsabilidade de assumir seus filhos sem o parceiro, também eram vítimas da falta de amor de seus irmãos de fé. Certamente entre nós franciscanos este problema de incompreensão e preconceito aconteceu. Hoje já não muito, mas fazíamos parte, em alguns casos, desse movimento intolerante em relação às mulheres que ficavam com a

dura tarefa de tocar suas famílias sem um companheiro.

Outro tipo de formação familiar que há muito trazia o preconceito era a família composta por filhos adotados. Essa formação familiar era um verdadeiro tabu. As crianças eram vistas como pobres coitadas que tiveram sorte de encontrar uma família, sem levar em conta que muitos desses pais é que estavam precisando ser amados e que elas foram, na verdade as luzes que trouxeram sentido ao viver do casal. Diante disso, inexplicavelmente um ato de tão grande amor tornava-se algo escondido, que por vezes trouxe grande trauma a todos os envolvidos em momentos posteriores da vida das famílias.

Até agora falamos do passado. Mas, e em relações como a união estável e a homoafetiva como devem ser nosso posicionamento? Grande desafio não é? Quanto a União estável na modalidade de segunda união o Papa Francisco, na catequese do dia 05 de agosto de 2015, afirmou o seguinte:

A Igreja sabe bem que tal situação contradiz o sacramento cristão. Todavia, o seu olhar de mestre parte sempre de um coração de mãe; um coração que, animado pelo Espírito Santo, busca sempre o bem e a salvação das pessoas. Eis porque sente o dever, “por amor da verdade”, de “bem discernir as situações”. Assim se expressava São João Paulo II, na Exortação Apostólica Familiaris consortio (n.84), levando como exemplo a diferença entre quem sofreu a separação e quem a provocou. É preciso fazer esse discernimento.

O Pontífice não retira a importância do sacramento. Porém ele chama a atenção para a importância do amor. Cristo é o amor!

CONCLUSÃO:

Diante do que foi exposto, constatamos que a sociedade em sua dinamicidade nos propõe muitas alternativas ao que, como cristãos católicos, entendemos como família. Diante disso, a Igreja necessita refletir sobre as mudanças sociais ocorridas em nosso tempo. Isto não quer dizer que ela vá aceitar a todas as mudanças. Porém, é importante termos discernimento para entender e receber com amor a todos que nos procuram. Não é a forma como vivem em família que vai definir se são pessoas boas ou ruins.

Durante muito tempo a Igreja fechou-se a necessidade daqueles que viviam a realidade familiar fora do padrão estabelecido pela instituição. Nós, da Ordem Franciscana Secular, não podemos dar as costas para aqueles que são excluídos. Lembremos que os leprosos, abandonados e expulsos da realidade social, foram os primeiros a serem amados por Francisco e seus primeiros irmãos.

Se Ele é o Amor ele não excluí! Como diz São Paulo “O amor é paciente, o amor é bondoso.”

Quanto aos casais homoafetivos o Papa mantém a visão de que o sacramento entre homem e mulher não pode ter o mesmo valor que a união de pessoas do mesmo sexo. Porém em 2017, após receber uma carta de um casal homoafetivo que havia batizado seus filhos em uma igreja de Curitiba, com autorização do arcebispo, enviou outra missiva em resposta em que estava escrita o seguinte:

(...) deseja felicidades, invocando para a sua família a abundância das graças divinas, a fim de viverem constante e fielmente a condição de cristãos, como bons filhos de Deus e da Igreja, ao enviar-lhes uma propiciadora Bênção Apostólica, pedindo que não se esqueçam de rezar por ele”.

Mais uma vez ele confirmou que o que vale é a caridade e o abraço a todos que nos procuram. Não podemos manter portas fechadas para quem quer ser amado. Não podemos esquecer que não é nossa tarefa escolher quem é ou não pecador. Que está certo ou errado. Pois segundo o Evangelho de Mateus 13, 47-50:

O Reino do Céu é ainda como uma rede lançada ao mar. Ela apanha peixes de todo o tipo. Quando está cheia, os pescadores puxam a rede para a praia, sentam-se e escolhem: os peixes bons vão para os cestos, os que não prestam são jogados fora. Assim acontecerá no fim dos tempos: os anjos virão para separar os homens maus dos que são bons. E lançarão os maus na fogueira de fogo. Lá vão chorar e ranger os dentes.

SUGESTÕES DE LEITURA:

Exortação Amoris Laetitia

Sínodo dos Bispos: XIV Assembleia Geral Ordinária a Vocação e a Missão da Família na Igreja e no Mundo Contemporâneo

>> <http://www.diocesecachoeiro.org.br/arquivos/downloads/Lineamenta.pdf>

Bibliografia

SOUZA, Daniel B. L. F. Corrêa de. Famílias Plurais ou Espécies de Famílias
http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170725112351.pdf

Chaves, Luís C. da S.. O afeto e as novas relações familiares

<https://domtotal.com/artigo/941/16/09/o-afeto-e-as-novas-relacoes-familiares/>
Ribeiro, Paulo S.. Família: não apenas um grupo, mas um fenômeno social.

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/familia-nao- apenas-um-grupo-mas-um-fenomeno-social.htm>





FAMÍLIA FRANCISCANA DESEJA
“Amazonizar-se”

INTRODUÇÃO

Em sintonia com os apelos da Igreja que está realizando o Sínodo para Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral, a Conferência da Família Franciscana do Brasil (CFFB) deseja amazonizar-se: um processo intenso e extenso de (re)conhecer a pertença e o cuidado com a Amazônia urbana e rural. Isto implica em aproximar-se, acolher e respeitar toda a beleza da criação expressa na relação entre os povos originários amazônicos e a natureza. E ainda, observar que esta vida pulsante na Amazônia está interligada com todas as expressões de vida, formando uma fraternidade universal.

Neste espírito, a CFFB realizou o Fórum Franciscano sobre o Sínodo Pan-Amazônico, nos dias 4, 5 e 6 de julho de 2019, na cidade de Manaus, no estado do Amazonas, com o objetivo de contribuir no aprofundamento da temática Sinodal à luz da Espiritualidade Franciscana. E escolheu por tema: Perspectivas e desafios para a Conferência da Família Franciscana do Brasil.

Motivados pelo magistério do Papa Francisco, em especial com a Encíclica *Laudato Sí* (2015), os Franciscanos e as Franciscanas presentes no mundo todo percebem que muito o Carisma pode contribuir aos novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral. Sistematizando esta contribuição, a primeira atitude é de nos

encontrarmos como Família. E assim, presentes no Brasil, e de um modo especial, na Amazônia, as diversas expressões da Família Franciscana terão melhores condições de observar as perspectivas e os desafios que a contemporaneidade exige de nós. Por isso, ministros gerais dos Frades da primeira Ordem Franciscana e Ordem Franciscana Secular enviaram mensagens motivadoras à CFFB saudando a iniciativa do Fórum que tem um caráter evangélico, profético, fraterno e cheio de esperança.

A Conferência da Família Franciscana do Brasil vem se fortalecendo cada vez mais como um organismo de comunhão onde os irmãos e irmãs encontram o aconchego do lar e o apoio para a missão. O ano de 2019 trouxe grandes mudanças, internas e externas para CFFB, que após o Fórum, organiza sua Assembleia Ordinária Eletiva a ser realizada de 22 a 25 de

agosto de 2019, e conta com a participação e o sentido de pertença de todos os seus membros, com a presença dos Ministros, Provinciais, Coordenadores Regionais e demais delegados.

Tanto no Fórum Pan-Amazônico, quanto na Assembleia eletiva, nos chamam a atenção para compreender melhor a necessidade de fortalecer nosso apostolado franciscano diante da Justiça, Paz e Integridade da Criação. Este apostolado é organizado e realizado de modo muito especial pelo Serviço Interfranciscano de Justiça, Paz e Ecologia (SINFRAJUPE) com vários desdobramentos de serviços nas obediências que formam a grande Família, este serviço apostólico – que é um elemento basilar do carisma e por tanto, transversal - é o Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC). Dele se espera as respostas organizadas e precisas aos desafios que ameaçam a vida.



FÓRUM FRANCISCANO PARA O SÍNODO PAN-AMAZÔNICO



Entre os dias 04 a 06 de julho, no Centro Arquidiocesano São José, em Manaus (AM), a CFFB realizou o Fórum Franciscano Para o Sínodo Pan-Amazônico que ajudou os franciscanos e as franciscanas a voltarem o olhar e o coração aos apelos do Papa Francisco através de sua convocação para o Sínodo Pan-Amazônico.

O evento foi promovido pela Conferência da Família Franciscana do Brasil (CFFB) e contou com o apoio de diversos irmãos e amigos, dentre os quais, o Bispo Arquidiocesano de Manaus - Dom Sérgio Castriani-CSSp, Fr. Paulo Xavier-OFM Cap e Fr. Alex Assunção-OFM. Durante a programação, contamos com a assessoria de Fr. Luiz Carlos Susin-OFM Cap, Fr. Florêncio Vaz-OFM, Fr. Atilio Battistuz-OFM, Pe. Justino Sarmiento Rezende - SDB, indígena Tuyuka e referência da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam - Manaus).

O Fórum reuniu cerca de 160 participantes oriundos de vários estados brasileiros e do exterior: frades da OFM/OFM Cap/ OFM Cov, irmãs religiosas da TOR e irmãos e irmãs da Juventude Franciscana (JUFRA) e Ordem

Franciscana Secular (OFS). Esta última garantiu a participação de Francisco José Corrêa de Araújo, que representou a OFS Nacional por meio do serviço JPIC. Os regionais da área norte da CNBB, somaram mais de 30% dos participantes, e isso implica na presença profética dos Franciscanos na Amazônia legal/ região norte do país. Todos os participantes foram envolvidos na temática por meio de uma ambientação com um rosto amazônico e animação musical com um repertório adequado à Ecoteologia com músicas franciscanas da CFFB, Pan-Amazônia ancestral (Antonio Cardoso), Amazonas moreno (Raízes Caboclas), Nossa Vida é Missão (Manoel Nerys), Rios (Roberto Malvezzi/Gogó), Paneiros (Grupo Gaponga), dentre outras. Ao longo do evento foram disponibilizadas transmissões ao vivo pela Rádio Santo Antônio, e ainda registros fotográficos e audiovisuais registrados por Fr. Lorrane Clementino, OFM e publicados na página do facebook da CFFB. O evento foi enriquecido com debates, estudos e conferências para o aprofundamento na solicitação do Papa Francisco.





1- No primeiro dia do Fórum, os irmãos e irmãs da JUFRA acolheram os participantes com danças típicas da região. Na abertura oficial, Frei Éderson Queiroz – OFM Cap, proferiu as boas-vindas e os presentes foram agraciados com a participação do Arcebispo de Manaus, Dom Sérgio Castriani, que contou com o auxílio do secretário da CNBB Norte 1 – Diácono Francisco Andrade de Lima, para apresentar os eixos principais do Instrumentum Laboris (Instrumento de Trabalho para o Sínodo Pan-Amazônico), no qual constam de três partes: a primeira, o ver-escutar, que se intitula A voz da Amazônia, e tem a finalidade de apresentar a realidade do território e de seus povos. Na segunda parte, Ecologia integral: o clamor da terra e dos pobres, aborda-se a problemática ecológica e pastoral; e na terceira parte, Igreja profética na Amazônia: desafios e esperanças, a problemática eclesiológica e pastoral.

Em seguida, o Pe. Justino Sarmento Rezende - SDB, indígena Tuyuka, iniciou a Conferência "Cosmvisão Amazônidas". Na qual pondera que a conversão ecológica inicia com cada um, para então abrir-se para a conversão comunitária/familiar. Precisamos aprender um novo modelo de vida com os povos tradicionais, pois o bem viver é uma urgência, e as comunidades indígenas podem nos ajudar nesta prática. E afirmou ainda: "Descolonizar a mente é um processo lento, mas necessário". Após o almoço, Dom Edmilson Tadeu Canavarros, SDB - Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Manaus visitou a Família Franciscana e proferiu algumas palavras de incentivo a iniciativa do Fórum. A programação seguiu com a assessoria de Frei Luiz Carlos Susin – OFM Cap com a conferência "Francisco e a Fraternidade Universal: Da desapropriação

à Aliança". O professor da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF/RS) contribui que a defesa dos Direitos humanos e dos animais é por causa da condição de vulnerabilidade que precisa se levantar a bandeira dos excluídos. Neste caso, os animais são o fiel da balança e o ponto mais sensível da nossa postura ecológica diante da comunidade da vida destinada ao sábado (dia sagrado, dia do Senhor - que para os Cristãos é o Domingo). O conferencista explanou ainda a respeito de nossa relação com os animais. Percebe-se que eles de estão sendo tratados por nós como: entretenimento, propriedade, experimentação científica, compensação afetiva, matéria prima para indústria, e fonte desequilibrada de alimentação. Tais atitudes exigem uma conversão pastoral, ecológica e eclesial. "Vivemos no moneyteísmo (...) movidos pela apropriação

e pelo acúmulo financeiro (...) o dinheiro não vale nada, mas compra tudo”. Afirma Susin. Em seguida, houve um momento de Painel com Fr. João Messias - OFM que testemunhou sua vivência com os Munduruku. Experiência missionária na Prelazia de Itaituba com mais de 58 comunidades indígenas que vivem com relação de pertença com a Floresta, mas ameaçados pela extração de minérios e outros impactos socioambientais. E Ir. Clarice Barri - Catequista Franciscana, falou sobre Mobilidade Humana em Assis Brasil. Área de Fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru. Foram expostas o diagnóstico social, econômico e religioso. Uma experiência de Diálogo, Sincretismos e Intercâmbio.

2- Dia 05 de julho, o Fórum iniciou suas atividades após a oração da manhã “Nós somos parte da terra, a terra é parte de nós. Um é a extensão do outro, nós não vivemos a sós” (música “Cuidar da Terra” - grupo imbaúba). Em seguida, Fr. Atílio Batistuz, OFM/

SINFRAJUPE que proferiu a conferência “Mística e Profecia Franciscana”. Bebendo na fonte de São Francisco de Assis e Santa Clara, Fr. Atílio afirma que a missionariedade faz parte da identidade franciscana e que a Amazônia é “um grande santuário” e chamou a atenção para a extensão do território Pan-Amazônico e para as mais de 300 comunidades indígenas. Em sua apresentação pautada na teoria de Gaia, sugeriu à CFFB algumas ações: Visitas e experiências missionárias/pastorais na Amazônia para criar laços afetivos com a Amazônia; Promover semanas da Amazônia – pôr a Amazônia em debate; Participar da REPAM; Ouvir mais os cientistas; Ouvir os povos da floresta; Limitar o consumo de energia elétrica e incentivar o uso de fontes limpas; Fortalecer o SINFRAJUPE; Fazer um mapeamento da presença franciscana na Amazônia; Trabalhar em rede com outras famílias religiosas (Carmelitas, Jesuítas, Dominicanos...); Participar do IX Fórum Social Pan-Amazônico (FOSPA); que será realizado entre os dias 22 e 25 de março de 2020 em Mocoa, Putumayo, na Colômbia. E ainda, reduzir ou até parar de comer carne. No final de sua explanação, afirmou: “Se a Amazônia perecer, todos nós pereceremos”.

O evento seguiu com a assessoria de Fr. Florêncio Almeida Vaz Filho- OFM que abordou o tema: Ecologia Integral Franciscana. Faz parte da Espiritualidade Franciscana reconhecer que

todas as criaturas tem “agência” e que tudo está interligado, partindo da cosmovisão dos povos tradicionais devemos reconhecer que tudo é gente. É preciso reconhecer e respeitar estes saberes, e, por exemplo: pedir licença antes de entrar nos rios ou na floresta. Na ecologia integral de São Francisco, “tudo é meu irmão, tudo é minha irmã”; “Os encantados existem”; “A terra sem males, existe”. Afirma o frei e professor no Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Na tarde dia 05, os participantes visitaram o Bosque da Ciência do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) e interagiram com a floresta participando de várias oficinas que os grupos de pesquisa do Instituto realizam. Depois desta atividade, seguiram para Ponta Negra para saudar o pôr-do-sol e celebrar a Eucaristia que foi realizada no Santuário Nossa Senhora da



Amazônia com a animação musical do grupo Gaponga.
3- O dia 06, iniciou bem cedinho com a celebração da criação realizada no Barco Dona Carlota que nos acolheu e conduziu pelo Rio Negro rumo ao encontro do Rio Solimões. A celebração deste dia foi ministrada pela

Irmã Laura Vicunã - Catequista Franciscana. Foi uma manhã orante de convivência fraterna conduzida com muito carinho pela coordenação do evento. Após o almoço, os irmãos e irmãs se expressaram seus sonhos e compromissos. Que para sistematiza-los, a CFFB

irá elaborar uma Carta-compromisso. O encerramento do Fórum Franciscano para o Sínodo Pan-Amazônico ocorreu com a Celebração eucarística na Igreja São Sebastião – Capuchinhos.

Que São Francisco de Assis, patrono da ecologia, “irmão da natureza”, seja nosso exemplo, para que possamos nós, franciscanos e franciscanas, cumprirmos nossa missão profética em defesa da vida e do cuidado da casa comum, com vigor renovado e com a audácia reformadora que o caracterizou.

1- REGISTRO DE FOTOS:

https://drive.google.com/drive/folders/1qrV8l6ljtXjxCWJAiCV_2CYX5GX8dbLu

2- ALGUNS MATERIAIS SOBRE O SÍNODO:

https://drive.google.com/open?id=18wEhus2MeRJ9_yqVpRNwcvDfdaMYNe7e





Quer conhecer mais a OFS? Acesse:

www.ofs.org.br